

DISCURSO DO DES. *LUIZ AUDEBERT DELAGE FILHO*
SOLENIIDADE DE OUTORGA DA MEDALHA DE
MÉRITO “*DESEMBARGADOR RUY GOUTHIER DE*
***VILHENA*”**

Salão do 1º Tribunal do Júri da Comarca de Belo Horizonte
Fórum Lafayette, 13 de junho de 2014

SENHORAS AGRACIADAS E SENHORES AGRACIADOS
PRESENTES OU REPRESENTADOS,

FAMILIARES, CONVIDADOS, SENHORAS E SENHORES.

Sempre que penso em trajetórias dignas de reconhecimento, me vêm à lembrança alguns aforismos que falam em como percorrer caminhos.

Início com a citação da poeta Cora Coralina: “O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher”.

E continuo com o grande mineiro Chico Xavier, na lição: “Agradeço todas as dificuldades que enfrentei; não fosse por elas, eu não teria saído do lugar. As facilidades nos impedem de caminhar e mesmo as críticas nos auxiliam muito”.

Cabe aqui uma Indagação: o que é a trajetória humana desde o nascimento senão um... CAMINHO? Faz-se Importante bem escolher os companheiros de caminhada; evitar os perigos da estrada ou enfrentá-los quando inevitáveis; construir pontes, edificar obras, talvez demolir aquelas apodrecidas e sem valor para dar lugar a outras mais acertadas e importantes para a coletividade; alterar a rota quando necessário e, ao fim e ao cabo, poder olhar para trás e se orgulhar do caminho percorrido.

Já que estamos em plena Copa do Mundo no Brasil, não seria o caso de refletir e nos perguntar: **“merecemos levantar a taça?”**. **“Merecemos ostentar a medalha no peito”?**

Caros homenageados neste 13 de junho de 2014: Saibam que todas as senhoras e todos os senhores são, SIM, MERECEDORES DE LEVANTAR A TAÇA; são reconhecidamente dignos de carregar no peito, à vista de todos, a Medalha de Honra ao Mérito “Desembargador Ruy Gouthier de Vilhena”! Por isso, recebam os meus sinceros PARABÉNS!

É imprescindível lembrar que a comenda foi criada em 1986 e tem por finalidade agraciar, anualmente, magistrados e servidores, bem como pessoas que tenham prestado relevantes serviços à Justiça de Primeira Instância da Capital, do Interior e à Corregedoria-Geral de Justiça do Estado de Minas Gerais.

Do primeiro ao derradeiro agraciado – sem embargo do mérito de outras pessoas honradas e dignas – vê-se uma relação de pessoas que servem ou serviram à Justiça e aos seus semelhantes, com desprendimento e espírito público. O ideal, inclusive, seria que pudéssemos fazer o panegírico completo a cada um dos agraciados, louvando os seus méritos e ressaltando as suas carreiras.

Este justo laudatório, porém, demandaria tempo excessivo, em razão do número de agraciados, e tornaria cansativa a cerimônia.

Assim, e em homenagem ao breve, espero que esta bela e concorrida solenidade fale por si só e traduza o nosso reconhecimento do mérito das pessoas que hoje estão sendo homenageadas e da justiça do agraciamento.

Recorrendo, inicialmente, ao nosso grande Guimarães Rosa em sua festejada *“Declaração de amor à mineiridade”*, quero mencionar sua referência às regiões de Minas Gerais, todas lembradas no agraciamento e nas quais buscamos a maior parte dos homenageados:

“É a Mata cismontana, molhada de ventos marinhos, agrícola ou madeireira, espessamente fértil. É o Sul, cafeeiro, assentado na terra-roxa de declives ou em

colinas que européias se arrumam, quem sabe uma das mais tranqüilas jurisdições da felicidade neste mundo. É o Triângulo, avançado, forte, franco. É o Oeste, calado e curto nos modos, mas fazendeiro e político, abastado de habilidades. É o Norte, sertanejo, quente, pastoril, um tanto baiano em trechos, ora nordestino na intratabilidade da caatinga, e recebendo em si o Polígono das Secas. E o Centro corográfico, do vale do Rio das Velhas, calcáreo, ameno, claro, aberto à alegria de todas as vozes novas. É o Noroeste, dos chapadrões, dos campos-gerais que se emendam com os de Goiás e da Bahia esquerda, e vão até ao Piauí e ao Maranhão.”

Posso assegurar-lhes que cuidou a Corregedoria de enaltecer o trabalho incansável e às vezes anônimo de magistrados e servidores das centenas de Comarcas de todas as regiões do Estado de Minas.

Não poderíamos, também, deixar de reconhecer a valiosa contribuição de autoridades dos Poderes Executivo e Legislativo, Estadual e Municipal, membros do Ministério Público e da Defensoria Pública, Advogados, autoridades Civis e Militares, que sempre foram parceiros leais da Corregedoria Mineira.

É de se destacar, ainda, que esta Casa está resgatando uma dívida de gratidão com ex Juizes-Corregedores que lhe emprestaram a sua inteligência e dedicação bem assim quanto ao saudoso Desembargador Sebastião Pereira de Souza, *in memoriam*.

Os nossos agradecimentos nominais aos notáveis ministros mineiros: Ministro *JOAQUIM BARBOSA*, Presidente do Supremo Tribunal Federal, *embora ausente*; Ministro *ANTÔNIO JOSÉ DE BARROS LEVENHAGEN*, Presidente do Tribunal Superior do Trabalho e Ministros do Superior Tribunal de Justiça *ARNALDO ESTEVES LIMA, SEBASTIÃO ALVES DOS REIS JÚNIOR E ASSUSETE DUMONT REIS MAGALHÃES*.

Buscando novamente inspiração na magistral “*Declaração de Amor de Guimarães Rosa à Mineiridade*”, acrescento:

“Se são tantas Minas, porém, e contudo uma, acostumaram-nos a um vivo rol de atributos, de qualidades, mais ou menos específicas. Antes de mais, o mineiro é muito espectador. O mineiro é velhíssimo, é um ser reflexivo, com segundos propósitos e enrolada natureza. É uma gente imaginosa, pois que muito resistente à monotonia. É boa — porque considera este mundo como uma faisqueira, onde todos têm lugar para garimpar. Mas nunca é inocente.”

O mineiro traz mais individualidade que personalidade. Acha que o importante é ser, e não parecer, não aceitando cavaleiro por argueiro nem cobrindo os fatos com aparatos. Sabe que “agitar-se não é agir”. Sente que a vida é feita de encoberto e imprevisto, por isso aceita o paradoxo; é um idealista prático, otimista através do pessimismo; tem, em alta dose, o amor fati. Não entra caninamente em disputas. Melhor, mesmo — não disputa. Atencioso, sua filosofia é a da cordialidade universal, sincera; mas, em termos. Gregário, mas necessitando de seu tanto de solidão, e de uma área de surdina, nos contactos verdadeiramente importantes. Desconhece castas. Não tolera tiranias, sabe deslizar para fora delas. Se precisar, briga. Mas, como ouviu e não entendeu a pitonisa, teme as vitórias de Pirro. Tem a memória longa. Não tem audácias visíveis. Ele escorrega para cima. Só quer o essencial, não as cascas. Sempre frequentado pelo enigma, pica o enigma em pedacinhos, como quando pica seu fumo de rolo, e faz contabilidade da metafísica; gente muito apta ao reino-do-céu. Não acredita que coisa alguma se resolva por um gesto ou um ato, mas aprendeu que as coisas voltam, que a vida dá muitas voltas, que tudo pode tornar a voltar. Até sem saber que o faz, o

*mineiro está sempre pegando com Deus.
Principalmente, isto: o mineiro não usurpa.”*

Este momento de consagrações, condecorações e homenagens têm o poder de despertar em mim, por um lado, imensa satisfação pessoal e a certeza profunda de que magistrados, servidores, autoridades civis e representantes do poder público são plenamente dignos de reconhecimento pelos seus feitos em favor da comunidade jurídica e da sociedade brasileira.

Por outro lado, sinto no peito a mesma inquietude de quando, jovem estudante ainda, preocupava-me com as precárias condições de trabalho nos fóruns de meu estado, cujos balcões já frequentava como estagiário acadêmico.

Sem, de maneira alguma, desconsiderar os avanços do estado democrático de direito; a afirmação das prerrogativas constitucionais do Judiciário; a crescente melhoria da gestão pública com a assimilação de novas tecnologias em prol de mais eficiência e celeridade da Justiça, sinto-me obrigado a revelar minha preocupação com as deficiências do sistema carcerário; com a saúde e a qualidade de vida de servidores e magistrados em face dos milhares de processos que aportam diariamente nas repartições forenses e com a crescente insatisfação do cidadão que busca, no Judiciário, respostas para suas demandas e anseios por justiça.

Não gostaria, porém, que esta minha angústia fosse um mero exercício filosófico totalmente desprovido de efeitos reais. Desejo, sim, assumir por um momento, ainda que ao apagar das luzes da minha missão como Corregedor-Geral de Justiça do Estado de Minas Gerais, o papel de lembrar aos nossos contemporâneos mais jovens e também as gerações vindouras de que, quando se trata de garantir o direito ao julgamento justo e célere, é imensa a tarefa; árdua a missão; frustrantes, por vezes, os embates, mas – não duvidem jamais – é missão sagrada, profissão de fé e dever para com uma gente “que ri quando deveria chorar e já não vive, apenas aguenta”, como já cantou Milton Nascimento.

Nietzsche, o filósofo alemão, sugere que não há apenas uma morte ao longo da existência humana. No decorrer da vida, vamos vencendo etapas e devemos morrer – simbolicamente – para podermos nascer no estágio seguinte. Essa transição de uma vida a outra é o que as tribos mais ligadas à terra chamam de “rito de passagem”, um momento que nossa civilização vem abandonando.

Meu tempo à frente da Corregedoria mineira foi-me gratificante e bom. Fiz amigos, contei com colaboradores leais, fui contemporâneo de grandes homens e de grandes mulheres, participei de realizações que agora pertencem à história do Poder Judiciário. O que mais posso querer?

Emocionado, faço deste momento o meu “rito de passagem”.

Jamais deixarei de lembrar os versos imortais de Fernando Brant e Milton Nascimento na sua “CANÇÃO DA AMÉRICA” e é com eles que, por fim, me despeço:

*Amigo é coisa pra se guardar
No lado esquerdo do peito
Mesmo que o tempo e a distância digam "não"
Mesmo esquecendo a canção
O que importa é ouvir
A voz que vem do coração

Pois seja o que vier, venha o que vier
Qualquer dia, amigo, eu volto
A te encontrar
Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar.*

Muito obrigado!